

## sumário executivo

# filantropia que transforma

mapeamento de organizações  
independentes doadoras para sociedade  
civil nas áreas de justiça socioambiental e  
desenvolvimento comunitário no Brasil

# apresentação

## A filantropia que fomenta a transformação

Graciela Hopstein e Mônica C. Ribeiro

No ano de 2020, quando a Rede de Filantropia para a Justiça Social (nome da Rede Comuá na época) foi convidada para integrar a Aliança do *Giving for Change* (GfC, Doar para Transformar) no contexto da Cooperação Holandesa, decidimos incluir no plano do trabalho o desenvolvimento de uma pesquisa de mapeamento de fundos locais de justiça socioambiental e de direitos humanos – doadores para iniciativas da sociedade civil –, já que, para nós, essa era uma estratégia-chave para conhecer o campo da filantropia independente no Brasil.

No nosso entendimento, o estudo seria fundamental para aprofundar o conhecimento e dar visibilidade a um conjunto de organizações doadoras (*grantmakers*) que começaram a surgir há 20 anos no país, apoiando com recursos financeiros iniciativas de grupos de base comunitária e movimentos sociais que atuam na luta pelo acesso e reconhecimento de direitos nas áreas de justiça socioambiental, direitos humanos e desenvolvimento comunitário.

O nosso ponto de partida para desenvolver a pesquisa foi analisar o campo da filantropia como um espaço complexo, no qual coexistem diversas iniciativas e formas de atuação porque, de fato, não existe uma única filantropia, mas filantropias, reconhecendo dessa forma a multiplicidade de atores e dinâmicas no campo.

Partindo dessas ideias iniciais, o mapeamento, desenvolvido em parceria entre a Rede Comuá e a ponteAponte, foi concebido não apenas como um estudo voltado a trazer novos conhecimentos sobre uma forma diferenciada de fazer filantropia – talvez pouco conhecida, porém inovadora –, mas como um instrumento de incidência, capaz de levantar novas reflexões, questionando as relações de poder – inclusive desde a perspectiva do movimento ShiftthePower – e as práticas coloniais do fazer filantrópico. E também é nossa intenção poder contribuir para o campo apontando para novos caminhos de colaboração entre múltiplos atores (filantropia internacional, corporativa, familiar e independente).

Este estudo foi desenvolvido com o intuito de pensar politicamente o campo da filantropia. Incluir essa dimensão é fundamental para entender a sua conexão com o mundo real e material e, inclusive, para refletir sobre o papel que ocupa a filantropia nos processos de transformação das realidades e territórios. Porque transformar implica quebrar pactos preexistentes (baseados na lógica colonial, no patrimonialismo, machismo, racismo, sexismo, etc.), reconhecendo as diferenças e a diversidade como princípios fundamentais.

E tal como aponta a pesquisa, é possível afirmar que os fundos independentes aqui mapeados, que atuam sob a perspectiva da filantropia comunitária e de justiça socioambiental,

vêm contribuindo de forma significativa para as lutas por acesso a direitos e para a construção de agendas políticas, tendo a sociedade civil como ator protagonista, especificamente os grupos de base e as minorias políticas. Em suma, esta pesquisa traz informações relevantes de uma filantropia baseada na confiança e no reconhecimento das diferenças, da potência da diversidade e na potência da criação e multiplicação do comum que impulsionam os processos de transformação social.

Acreditamos que é prioritário transformar o campo da filantropia, democratizando o acesso a recursos, capilarizando sua distribuição e conectando-a com as demandas sociais, em diálogo com a sociedade civil. Transformar implica também avançar em um processo de desconstrução, pensando em como superar as lógicas coloniais e sair delas – baseadas no eurocentrismo branco, masculino e heteronormativo – e binárias – centradas em opostos socialmente construídos – questionando as relações de poder, a imposição de agendas e ações, evitando reproduzir relações de opressão e subalternação.

A publicação **Filantropia que transforma – mapeamento de organizações independentes doadoras para a sociedade civil nas áreas de justiça socioambiental e desenvolvimento comunitário no Brasil** traz um levantamento inédito de organizações que demonstram que esse modo de fazer filantropia é forte e presente no país, e pode ser tomado como um movimento que busca mudar relações de poder ao apoiar os direitos humanos e a justiça socioambiental junto a organizações de base. Ainda, deve ser tomado como um estudo em construção contínua, já que outras organizações existentes podem não ter sido abordadas aqui, como também novas podem ser criadas ao longo do tempo desde esta publicação, o que traz espaço para ampliações e aprofundamentos futuros na temática.

O mapeamento, que traz análise em profundidade de 31 organizações, busca traçar um panorama atualizado da filantropia comunitária e de justiça socioambiental no país, sendo espaço de colheita e sistematização de informações e práticas com vistas a gerar conhecimento e reflexão. Além de trazer visibilidade para organizações que, na maioria das vezes, estão fora do campo de visão da filantropia *mainstream*, do investimento social privado e da sociedade em geral.

Os resultados apresentados ao longo desta publicação indicam que as organizações independentes doadoras são fundamentais para que os recursos cheguem efetivamente a coletivos e movimentos (inclusive não formalizados).

Porque mesmo que existam políticas públicas de alcance universal no processo de ampliação da democracia brasileira, essa filantropia não deixaria de existir, por estar articulada aos movimentos que sempre estiveram e estarão na luta política por direitos, incidindo em políticas de diversidade, criminalização do racismo e homofobia e tantas outras conquistas no campo dos direitos humanos.

Trata-se da contribuição fundamental e profundamente necessária que a filantropia pode dar a um país tão desigual, cortado por relações de poder coloniais, que não reconhece a potência e os saberes dos grupos politicamente minorizados e, com isso, perpetua essas relações e segue com sua democracia incompleta.

É nessa direção que atuam a Rede Comuá e seus membros, apoiando uma diversidade de causas e organizações no Brasil. A filantropia que defendemos e colocamos em prática é pautada pela proximidade, pelo diálogo permanente, pela construção conjunta e pelo fortalecimento de parcerias com organizações e movimentos da sociedade civil, que conhecem, melhor do que ninguém, o que os territórios e as comunidades precisam para gerar transformação social.

Essa filantropia reconhece os conhecimentos e competências dessas organizações, reforça sua autonomia na concepção dos projetos apoiados, apoia o fortalecimento de lideranças locais e comunitárias. Investe no fortalecimento institucional das organizações de base, prioriza temas ligados a grupos historicamente minorizados, simplifica processos.

E doa a partir desses princípios. Porque é impossível avançar nessas agendas sem democratizar, de fato, o acesso a recursos. O ponto de partida para combater as estruturas da desigualdade é trabalhar no campo dos direitos, apoiando com recursos e posicionando a filantropia como mais um ator no processo de transformação.

As organizações que integram a Rede Comuá doaram, desde a sua criação até 2022, mais de R\$ 670 milhões, totalizando quase 17 mil apoios a organizações da sociedade civil em suas lutas por acesso e reconhecimento de direitos. Iniciativas que se desenvolvem em territórios quilombolas, indígenas, ribeirinhos, áreas urbanas periféricas e rurais, em praticamente todos os biomas brasileiros, em todas as cinco macrorregiões do país.

Além das 16 organizações que hoje compõem a Rede Comuá, há outras, com atuação em diversas regiões do Brasil, pautadas por esses mesmos princípios e que promovem essa filantropia. Um movimento que a Rede Comuá, como ator político, está empenhada em reconhecer, trazer à luz e disseminar junto ao ecossistema filantrópico nacional e internacional.

# sumário executivo

O objetivo deste mapeamento, concebido e promovido pela Rede Comuá, é traçar um panorama atualizado da filantropia independente no Brasil, com a finalidade de conhecer as organizações que apoiam iniciativas da sociedade civil nos campos de desenvolvimento comunitário, justiça socioambiental e direitos humanos, como atuam, se estruturam e se relacionam com o campo de incidência sociopolítica.

Após os levantamentos iniciais para esta pesquisa, optamos por nomear as organizações mapeadas como **organizações independentes doadoras nas áreas de justiça socioambiental, direitos humanos e desenvolvimento comunitário no Brasil**. O universo mapeado envolve fundos temáticos, fundos comunitários e fundações comunitárias independentes que atuam no campo do *grantmaking*, isto é, doando recursos financeiros (doações diretas) e não financeiros (doações indiretas) para diversas iniciativas da sociedade civil – grupos, movimentos, lideranças, organizações, redes – nas áreas mencionadas acima. A noção de independência se torna central aos fins desta pesquisa na medida em que se trata de identificar organizações que contam com estruturas de governança e de gestão que permitem uma atuação autônoma com relação aos processos de tomada de decisões. Por outro lado, a ideia da independência está ligada a que organizações que integram este universo não dependem de uma empresa ou família mantenedora já que todas elas **mobilizam recursos de fontes diversificadas** – de origem nacional e internacional, públicas e privadas – ou com pessoas físicas – de forma individual ou por meio de círculos de doadores –, além de se destacarem pelo conhecimento dos campos de atuação (atores, agendas, cenários) e pela alta capacidade de articulação com atores e redes. A independência, bem como a execução de práticas de *grantmaking*, foram os critérios centrais para identificar atores que operam nesses campos e para serem incluídos neste mapeamento. É importante salientar que a identificação das organizações mapeadas como independentes e doadoras – principalmente das que não integram a Rede Comuá – esteve baseada na autodeclaração e não houve a procura de informações adicionais por parte das equipes de pesquisa.

Esta publicação, resultado da pesquisa de mapeamento, é pioneira no campo da filantropia brasileira, já que é, certamente, um dos **primeiros trabalhos desenvolvidos com esse recorte no país** de que temos conhecimento; é fruto de um trabalho colaborativo de cerca de dois anos, desde que começou a ser planejado. Ele parte do pressuposto de que o contexto atual exige uma visão (auto)crítica da filantropia dominante no país e o fortalecimento de modelos que desafiem lógicas hegemônicas – muitas vezes mantenedoras das estruturas de desigualdade. A **transferência de poder** é um dos elementos-chave da filantropia comunitária, sendo disseminada no Sul Global com mais força nas últimas décadas, por meio de pesquisas, encontros, redes e movimentos.

A pesquisa é um estudo exploratório que foi desenvolvido a partir da **abordagem de multimétodos**, envolvendo o levantamento e a análise de dados secundários, que viabilizaram o aprofundamento do conhecimento sobre os temas e as organizações, e coleta de dados primários, realizada entre janeiro e agosto de 2022 e subdividida em uma etapa quantitativa, por meio de questionários, e outra qualitativa, com entrevistas semiestruturadas. A partir do **método bola de neve** – técnica de amostragem que usa redes de referência e indicações –, mapeamos e analisamos em profundidade **31 organizações**, das quais 14 já faziam parte da Rede Comuá e 17 ainda não.

## De onde partimos

A pesquisa revela que a **maioria das organizações mapeadas (81%) foi criada a partir dos anos 2000**, período caracterizado pela **diminuição da presença da cooperação e da filantropia internacionais**. Por um lado, esse movimento pode representar um amadurecimento do campo no Brasil em comparação com outras regiões do mundo, mas, por outro, esse processo de saída diminuiu consideravelmente os recursos para financiamento das organizações e iniciativas da sociedade civil com foco na justiça social e nos direitos humanos.

Apesar da maior concentração pós-anos 2000, a pesquisa identificou o surgimento de organizações com esse perfil já a partir da década de 1970. Assim, parte das organizações mapeadas foi pioneira, testemunha e agente relevante no processo de redemocratização e consolidação da sociedade civil ao longo desse período histórico no Brasil.

Quando olhamos a distribuição geográfica das organizações mapeadas, **encontramos doadoras sediadas nas cinco regiões do país, dispersas em dez estados e 21 municípios**. Como esperado, São Paulo é o estado com maior concentração, sendo sede de 29% das organizações. O Rio de Janeiro surge em segundo lugar, com 23% das mapeadas, seguido de Amazonas e Pará, que abrigam 10% cada um. Em termos regionais, o **Sudeste desponta com 58% das organizações, seguido das Regiões Norte (23%)**, Nordeste (13%) e Centro-Oeste e Sul (com 3% cada uma). Em um recorte para as 14 membras da Rede Comuá, verificamos que 72% estão no Sudeste, 14% situam-se no Nordeste e 7% estão tanto no Centro-Oeste quanto no Sul. **É importante ressaltarmos a marcante presença da Região Norte em segundo lugar**, muito acima do proporcional para o país em termos populacionais e de Produto Interno Bruto (PIB). Isso pode estar relacionado à necessidade de apoio na área

O estudo revela ainda que, mesmo entre as organizações criadas antes dos anos 2000, a maioria (90%) torna-se efetivamente doadora após a virada do século. É importante destacar que 23% do universo mapeado está integrado por “novas organizações” que começaram a doar entre os anos 2020 e 2022, o que indica que o movimento da filantropia independente ganhou mais fôlego.

socioambiental e de proteção dos povos e comunidades tradicionais e suas formas de vida e subsistência, bem como à má gestão do governo federal anterior em relação a questões ambientais e à ampliação dos investimentos não governamentais na região.

## Para onde vão as doações

A prioridade das organizações independentes doadoras mapeadas é **apoiar o fortalecimento institucional (74% das mapeadas indicam doar para esse propósito)**, o que pode ser motivado pela sua forma de atuação (articulada com a sociedade civil e com movimentos) e pelo entendimento que o investimento nessa linha é fundamental para o fortalecimento de organizações que atuam nos campos da defesa de direitos (socioambientais e humanos) e de suas agendas. Por sua vez, a doação no desenvolvimento institucional implica uma forma de apoio amplo e flexível, dando autonomia às organizações e grupos no processo de tomada de decisão sobre a sua atuação, prática diretamente ligada aos princípios que



sustentam a filantropia comunitária. Na sequência, as doações **priorizam ações de gênero e direitos das mulheres e cultura (ambos com 48%)**, desenvolvimento comunitário (42%), agricultura familiar, agricultura urbana, agroecologia e agrofloresta (39%) e comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e tradicionais (35%). Para a maioria das organizações mapeadas, as áreas de apoio são concebidas de forma interseccional e, certamente, essa tendência **contrasta com o baixo percentual de apoio do Investimento Social Privado (ISP) com recorte de gênero, raça, etnia etc.** Segundo o Censo GIFE 2020<sup>1</sup>, apenas 9% dos respondentes afirmaram desenvolver ações diretamente relacionadas à temática de gênero, esse percentual cai para somente 5% quando se trata de raça. **É possível constatar, assim, o caráter não só pioneiro, mas também inovador e ousado das organizações mapeadas, que direcionam recursos financeiros para iniciativas que são, muitas vezes, negligenciadas pelo ISP.**

Este mapeamento comprova a percepção empírica de que as organizações independentes doadoras são fundamentais para o recurso chegar a coletivos e movimentos não formalizados, democratizando o acesso a recursos. **Apoiar coletivos e movimentos institucionalizados ou não é a principal estratégia para doadoras não membras da Rede (39%) e a segunda mais referenciada pelas membras (32%).** Em ambos os casos, emerge em quarto lugar dentre os públicos de donatárias pessoas físicas (26% entre não membras e 19% entre as associadas à Rede Comuá). Esses dados contrastam, por exemplo, com desafios burocráticos que inviabilizam o repasse de recursos financeiros pelo ISP a iniciativas não formalizadas. No Censo GIFE<sup>2</sup>, por exemplo, entre os **13 tipos de parceria apontados por associados Gife**, entre organizações da sociedade civil (OSCs), governos e empresas, **nenhum se refere especificamente a coletivos, movimentos e pessoas físicas.** Já as organizações independentes doadoras se destacam por apoiar iniciativas não formalizadas diretamente nos territórios tanto de forma direta como indireta – nesse caso, por meio de uma organização formalizada que atue como responsável fiscal (*fiscal sponsor*). **Isso atesta a capacidade da filantropia comunitária de transferência de poder e o potencial de fazer com que recursos cheguem, de fato, às comunidades, envolvendo temas e públicos prioritários no campo da justiça social.**

Com o aumento do número e do tamanho de organizações doadoras, os temas de atuação da filantropia comunitária vão se tornando mais diversos também. Com a necessidade de resistência contra a perda de direitos básicos na esteira do neoliberalismo, sobretudo nos pós-anos 1990, e a ampliação da participação social na agenda governamental a partir dos anos 2000, as agendas de gênero, promoção de igualdade racial e combate ao racismo e desenvolvimento comunitário fortalecem-se na atuação das organizações mapeadas.

## Fontes de recursos e relações com financiadores

Em relação ao orçamento, a **maioria (55%)** das mapeadas encontra-se em uma faixa entre R\$ 2 milhões e R\$ 25 milhões, sendo que 45% dessas apresentam orçamento superior a R\$ 5 milhões. Contudo, é importante ressaltar que existe relevante **diversidade orçamentária**, com organizações independentes doadoras a partir da faixa de R\$ 100 mil a R\$ 250 mil até com mais de R\$ 25 milhões.

1 BRETAS, Gabriela. Censo Gife 2020. São Paulo: Gife, 2021. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/censo-gife-2020>. Acesso em: 11 jul. 2023.

2 BRETAS, 2021.

Verificamos, também, uma **discrepância**, seja espelhando a concentração de recursos – inclusive filantrópicos – no Sudeste, seja por fatores como tempo de existência e agendas de atuação. **Dentre organizações com orçamento entre R\$ 5 milhões e R\$ 25 milhões, 62% estão no Sudeste e nenhuma no Norte, apesar de esta ser a segunda região com mais organizações mapeadas.** A única organização que declarou orçamento superior a R\$ 25 milhões localiza-se no Sudeste.

A diferença de orçamento por tempo de atuação como organização doadora também é significativa e indica que **a capacidade de *grantmaking* das organizações mapeadas aumenta conforme o tempo de atuação.** Entre as organizações que iniciaram suas doações antes de 2009 (35% da amostra), apenas 9% tiveram orçamento inferior a R\$ 1 milhão em 2021, enquanto entre as organizações que passaram a doar de 2010 a 2019 (39% da amostra), 33% dessas tiveram orçamento inferior a R\$ 1 milhão em 2021. Por fim, entre as organizações que iniciaram as doações entre 2020 e 2022 (26% da amostra), 63% tiveram orçamento inferior a R\$ 1 milhão no mesmo ano.

As **doações de organizações de filantropia internacional** seguem sendo as fontes de recursos mais relevantes para a filantropia comunitária e de justiça social no Brasil. Elas são as mais **mais frequentes** entre as origens das fontes de recursos das organizações mapeadas, tanto para membras como não membras da Rede, com **43% de menções em ambos os casos**<sup>3</sup>. Em seguida, são mencionadas as doações de organizações da filantropia nacional – apontadas por 40% das membras da Rede e 30% das não membras. Doações de pessoas físicas (com ou sem incentivo fiscal) também são relevantes e estão presentes em 37% das participantes da Rede e 30% das não participantes.

Pelas faixas de orçamento apontadas, estimamos que o montante do orçamento total em 2021, **das 29 organizações** que declararam valores, fica entre **R\$ 276 milhões e R\$ 330 milhões**. Desse total, as **14 organizações integrantes** da Rede apresentam orçamentos mais robustos do que as não membras, administrando um total de **R\$ 254,7 milhões** em 2021.

Trata-se de um valor robusto com alto potencial de ser ampliado, no entanto, ainda **muito aquém dos R\$ 5,3 bilhões** declarados pelas 131 organizações respondentes do Censo Gife 2020<sup>4</sup>, que investiram, naquele ano, o montante de R\$ 595 milhões apenas para manutenção das estruturas de institutos, fundações e empresas (despesas administrativas e de infraestrutura). Ainda segundo o Censo Gife, 64% dos respondentes da pesquisa disseram que repassaram recursos para organizações da sociedade civil, por exemplo. Apenas 24% afirmaram ter fomentado fundos filantrópicos, independentes, temáticos ou não, locais e/ou comunitários, a despeito de se destacarem pela capacidade de receber e redirecionar doações menores, para grupos formalizados ou não, com potencial de adicionar valor a financiadores que pretendem alcançar atores locais e **capilarizar seus resultados**.

Analisando a lista de principais financiadores das mapeadas, foram indicadas 47 organizações cujos recursos principais têm origem ou são mobilizados internacionalmente (ainda que algumas possam ter filiais no Brasil) versus 40 organizações nacionais (entre diversas pequenas, médias e grandes empresas, órgãos públicos, empresas mistas e fundos), das quais apenas 11 (12,6%) são institutos e fundações empresariais ou familiares nacionais. Um problema que emerge nesse mapeamento é a **concentração de recursos da filantropia nacional em poucas organizações devido, por exemplo, ao seu porte e/**

<sup>3</sup> Este mapeamento optou por não levantar volume de recursos mobilizados para cada fonte, apenas percentuais.

<sup>4</sup> BRETAS, 2021.



**ou trajetória no campo, instalando** um cenário de desigualdade no acesso a recursos locais ou até de concorrência. Também, a **falta de confiança pode ser entendida como um elemento capaz de explicar essa situação, como um obstáculo relevante para a diversificação do portfólio do ISP**. O tema merece, a nosso ver, aprofundamento em estudos futuros.

O mapeamento também aponta que **grande parte (76%) das organizações independentes doadoras tem seus recursos concentrados em até 25 financiadoras/es**. Poucas (9%) apresentam mais de cem financiadores, o que demanda uma estratégia bem estabelecida de doações de pessoas físicas. **Um dado relevante está na quantidade de financiadores das não membras da Rede, concentrada entre uma e cinco organizações, espelhando seus orçamentos menores do que os das integrantes da Rede**, com maior presença nas faixas entre 6 e 50 financiadores.

A busca pela independência na relação entre as organizações doadoras e seus financiadores, no tocante à destinação dos recursos e suas formas de fazer, é uma das dimensões basilares da filantropia comunitária. Sobre isso, o mapeamento confirma que a maioria **(68%) das organizações mapeadas declara que os financiadores não têm influência** sobre o uso dos recursos, os processos de tomada de decisão e a governança. Entre as organizações que responderam que financiadores têm alguma forma de influência sobre os recursos e atividades desenvolvidas (32%), foram apontadas **quatro formas principais de participação**: em conselhos da organização de forma igualitária (60%); em uma iniciativa específica pensada para que financiadores tenham maior presença como forma de engajamento cívico (20%); na construção do projeto de financiamento (10%); e na governança do projeto apoiado (10%). Depreendemos, também pelas entrevistas, **a importância do diálogo horizontal entre as partes e a valorização da participação dos financiadores como colaboradores e construtores de conhecimento**.

## Doação de recursos e relacionamento entre doadoras e donatárias

O mapeamento indica que 71% das organizações independentes são híbridas, ou seja, fazem doações e também executam projetos próprios em seus campos de atuação. As restantes mapeadas (29%) atuam exclusivamente com ações de *grantmaking* por meio da doação de recursos para organizações e lideranças da sociedade civil.

Em relação às estratégias de *grantmaking* utilizadas pelas organizações independentes doadoras, o mapeamento revela cinco mecanismos principais: editais e concursos de projetos; apoio direto por meio de fundos ou ações emergenciais; carta-convite para públicos e organizações específicas; apoio direto por meio de portfólios de doação; e demanda espontânea.

O volume de doações das organizações mapeadas, em 2021, apresenta **bastante dispersão**, não havendo grandes concentrações de organizações em faixas específicas de volume de recursos financeiros doados. No geral, **49% das organizações que doaram repassaram até R\$ 1 milhão, enquanto 35% doaram de R\$ 1 milhão a mais de R\$ 25 milhões**.

A pandemia provocou um aumento considerável nas doações. **As 14 organizações da Rede Comuá apoiaram 10 mil iniciativas com doações ao longo de suas histórias, com um total de doações diretas, até 2021, de R\$ 471.960.925**. Até 2018, metade do número de organizações recebeu apoio, totalizando R\$ 183.832.410 de doações diretas.

Nas entrevistas, identificamos fundos defendendo a importância de pequenas doações (aporte de montantes menores), já que partem do entendimento que as organizações de base não têm preparo para gerir recursos maiores, ou têm necessidades muito específicas (ex.: compra de equipamentos), ou não têm tempo hábil para utilizar o recurso doado (ex.: R\$ 1 milhão em recurso para ser gasto em um ano). Um contraponto a isso é uma organização, que aumentou o tíquete médio dos repasses de 50 mil para 150 mil por entender as dificuldades que a pandemia, a crise mundial e a instabilidade política e econômica no Brasil trouxeram.

No geral, **uma em cada três mapeadas apoiou entre 101 e 1000 iniciativas até 2021, enquanto mais da metade (52%) apoiou até cem iniciativas**. As integrantes da Rede Comuá apresentam ampla dispersão nas faixas, ao passo que as não membras tendem, naturalmente, a apoiar um número menor de iniciativas.

Quando cruzamos esses dados com o tempo desde que iniciaram suas doações, notamos certa correlação entre ambos. Assim, entre as organizações que apoiaram entre 1 e 50 iniciativas, a faixa mais frequente, o tempo de atuação doando para a sociedade civil é de, no máximo, sete anos. Já entre as organizações que doaram para mais de mil iniciativas, desde sua fundação até 2021, possuem, pelo menos, 15 anos de atuação doando para a sociedade civil.

Todas as organizações mapeadas também fazem apoios por meio de doações não financeiras. As duas formas de apoio, financeiro e não financeiro, costumam ocorrer concomitantemente e constituem uma estratégia das organizações mapeadas para estabelecer uma conexão mais próxima de lideranças, comunidades e organizações donatárias, pois os apoios não financeiros ajudam a criar uma relação de colaboração, compartilhamento de conhecimento e de troca de experiências.

Uma das características fundamentais da filantropia comunitária é a transferência de poder, que, no caso das organizações mapeadas, parte da **promoção de um processo de envolvimento e escuta de lideranças, comunidades e organizações sociais**. Como parte do processo de fortalecimento do campo de atuação, **a maioria (87%) das organizações mapeadas também busca incluir as contribuições de lideranças, comunidades e organizações apoiadas em seus processos decisórios**.

Em relação à **prestação de contas**, por mais que as organizações mapeadas busquem oferecer mais flexibilidade e autonomia às donatárias, o processo, muitas vezes, ainda acaba **refletindo as demandas dos financiadores** que alocam recursos nas organizações doadoras, com a exigência de reportes mais detalhados.

No tocante ao acompanhamento dos projetos, a maior parte das organizações tem como instrumento principal os relatórios enviados pelas apoiadas. As visitas presenciais também são relevantes e aparecem em segundo lugar, seguidas de reuniões, oficinas coletivas e acompanhamento telefônico. As visitas presenciais, no entanto, acabam sendo uma forma de acompanhamento mais custosa, principalmente para as organizações de abrangência nacional. Dessa forma, elas são mais viáveis para organizações com escopo territorial delimitado.

# Comunicação, produção de conhecimento e participação em redes

Fatores contextuais, que vão da desconstrução de políticas públicas no contexto da última gestão do governo federal (2019–2022) ao aumento das desigualdades no Brasil, além do fato de ser um fenômeno crescente, porém relativamente novo em relação à filantropia dominante, acentuam a necessidade de uma **abordagem sistêmica** das organizações independentes doadoras.

Nesse sentido, entram ações como as de produção de conhecimento e comunicação. Não à toa, para além dos esforços de *grantmaking* e doações não financeiras, **94% das organizações mapeadas produzem conteúdos voltados para a construção de conhecimento do seu campo de atuação**. A colaboração e a horizontalidade também são princípios desse processo: **81% das organizações mapeadas promovem a produção de conhecimento em parceria com as organizações/lideranças apoiadas**.

Alinhada com a busca por uma atuação mais sistêmica no campo da justiça social, **87% das organizações mapeadas participam de redes nacionais e internacionais** da filantropia ou conectadas com seus temas de atuação. A proporção é maior entre as membras da Comuá. As organizações mais novas mencionaram que ainda estão se organizando internamente para conseguirem participar de redes, pois, embora haja o interesse, há o limitador das equipes reduzidas, que concentram as suas energias para as atividades institucionais. As entrevistas mostram que ainda há muita “reinvenção da roda” na criação de fundos. Nesse sentido, o apoio das redes pode contribuir muito para que esse começo seja menos tortuoso e mais assertivo.

## Como as organizações estão estruturadas

Pouco mais da metade (**52%**) das mapeadas apresenta **diretoria remunerada**, ao passo que 45% não, e 3% não informaram. No caso das integrantes da Rede Comuá, essa proporção de dirigentes remuneradas/os sobe para 71%. Dentre as organizações que responderam possuir diretoria remunerada, **87% contam com mulheres em sua composição, sendo que 31% das organizações possuem diretoria remunerada composta totalmente por mulheres**, e 12% possuem exclusivamente homens em sua composição.

Em relação à **composição racial**, metade das organizações conta com uma ou mais pessoas negras na composição de sua diretoria remunerada, sendo que **uma em cada cinco mapeadas apresenta exclusivamente pessoas negras em sua diretoria**. Pessoas indígenas na diretoria remunerada surgem em uma em cada oito organizações e, dentre elas, uma é composta unicamente por pessoas indígenas.

Mais de 90% das organizações mapeadas contam com equipe remunerada e apenas 6% apresentam equipe exclusivamente composta por pessoas voluntárias. Entre as membras da Comuá, 100% têm profissionais remuneradas/os – e as equipes com mais de 16 pessoas também tendem a ser da Rede. **Em nossa amostra, 719 pessoas foram empregadas em 2021 por 28 das organizações**.

A maioria absoluta (89%) das organizações respondeu contar com pessoas negras em suas equipes e 27% declararam incluir pessoas indígenas. Apenas uma organização não possui nenhuma pessoa negra ou indígena, ao passo que **15% das organizações respondentes são formadas exclusivamente por pessoas negras em suas equipes**. A pesquisa demonstrou que as organizações mapeadas têm priorizado a diversidade em suas equipes e cargos diretivos, mas ainda há um caminho a ser trilhado – que pode ser potencializado com a ampliação dos apoios financeiros.

## Desafios e oportunidades

Em relação aos **desafios externos**, as organizações mapeadas pontuaram que as questões principais enfrentadas estavam relacionadas ao **governo** Bolsonaro (2019–2022) e seu projeto político, que não promoveu o incentivo e o diálogo com as organizações da sociedade civil nos últimos anos. A **conjuntura política hostil** para as OSCs, iniciada com o mandato presidencial em 2019, foi intensificada com a crise sanitária ocasionada pela **pandemia** de covid-19, no início de 2020, trazendo consequências como a **sobrecarga de trabalho** (em grande parte devido ao redirecionamento de esforços para medidas de alívio à covid-19) em um cenário em que os direitos sociais já estavam sendo colocados em risco.

Outros grandes desafios externos apontados pelas organizações mapeadas são **a disseminação e a compreensão da filantropia comunitária**, como práticas por parte do próprio ecossistema da filantropia e do investimento social. Em organizações com atuação territorial distante dos grandes centros urbanos, foi apontado que há **dificuldade de serem reconhecidas como agentes relevantes** na execução de ações de *grantmaking* em suas comunidades.

Em relação ao **financiamento**, as organizações reconhecem que houve um aumento de doações durante a pandemia, mas reiteram que **o Brasil ainda precisa ampliar e fortalecer sua cultura de doação**, principalmente por parte das doações de pessoas físicas.

Os principais **desafios internos** apontados estão relacionados a **equipe reduzida e sobrecarga de trabalho**, que trazem como externalidades negativas falta de condições adequadas para outras atividades, como mobilização de recursos, articulações com redes etc., **falta de tempo e recursos para qualificação contínua da equipe para a execução de processos**, inclusive em termos tecnológicos e de segurança digital, e **dificuldade de comunicação voltada para o público externo**.

Destacamos que o primeiro ponto – equipe reduzida e sobrecarga consequente – emergiu com mais força do que **mobilização de recursos** em si, tema que geralmente costuma ser o desafio prioritário de quem atua na arena social. Embora um fator esteja intrinsecamente relacionado ao outro, esse destaque pode ter ocorrido por razões diversas, como a exaustão acumulada decorrente dos últimos anos, sob o governo Bolsonaro e com a pandemia, bem como uma sinalização de que veem alto potencial de mobilizar recursos e ampliar sua atuação, a despeito dos desafios, porém nem sempre isso é factível com sobrecarga e falta de tempo para qualificação contínua da equipe. A **escassez de recursos financeiros para as atividades-meio**, que permitam investimento na estrutura dessas organizações, também se faz presente.

Em relação às **oportunidades**, as organizações mapeadas destacaram a **importância do processo eleitoral de 2022** e a possibilidade de alternância de governo como um caminho para a realização de um projeto político mais inclusivo no país. O mapeamento foi realizado no primeiro semestre de 2022, meses antes do pleito eleitoral que elegeu o novo presidente da República, além de governadores dos estados e legisladores das esferas estadual e federal.

Diante dos desafios relacionados à compreensão do campo ainda incipiente sobre a filantropia comunitária, as organizações observam que os **investidores sociais estão mais receptivos para conhecer sobre novas práticas filantrópicas** e interessados em pautas que não estavam no radar até há pouco tempo. Tanto é que a filantropia nacional emerge como a segunda fonte de recursos mais frequentemente mencionada pelas mapeadas – embora distante das financiadoras internacionais.

Apesar dos inúmeros desafios declarados pelas organizações neste mapeamento, de forma geral, existe uma forte percepção de que **o trabalho que elas vêm realizando apresenta grande importância e potencial de crescimento**, seja na diversificação da mobilização de recursos, seja no aprimoramento de suas práticas, potencializando o que já vem dando certo. As organizações mapeadas citam, também, a importância do amadurecimento de suas práticas como uma forma de **fortalecer o tecido social e gerar um legado**, para ir além da realização de ações pontuais e emergenciais.

Esta publicação buscou traçar um panorama atualizado da filantropia comunitária e de justiça social no país, sendo um espaço de colheita e sistematização de informações e práticas a fim de gerar conhecimento e reflexão, além de trazer visibilidade para organizações que, muitas vezes, encontram-se fora do radar da filantropia dominante, do investimento social privado e mesmo da sociedade em geral.

Como apresentado no início, compreendemos que este mapeamento seja uma construção contínua, à medida que, após a finalização desta pesquisa, novas organizações serão criadas ou outras já existentes e não estudadas aqui poderão se reconhecer como tal, gerando espaço para alargamentos e aprofundamentos futuros nessa temática.

## Principais números:



**31** organizações mapeadas, das quais **14** já eram membras da Rede Comuá até 2021



**81%** das organizações mapeadas foram criadas a partir dos anos 2000



**58%** das organizações estão no **Sudeste**, seguido das Regiões Norte (23%), Nordeste (13%) e Centro-Oeste e Sul (com 3% cada uma)



**74%** das organizações mapeadas **doam para o fortalecimento institucional**, seguido de ações de gênero e direitos das mulheres e cultura (ambos com 48%)

**55%** das mapeadas situam-se na **faixa entre R\$ 2 milhões e R\$ 25 milhões de orçamento**

**43%** das doações para as organizações mapeadas vêm de **organizações de filantropia internacional**

O orçamento total, em 2021, das **29 organizações** que declararam valores fica **entre R\$ 276 milhões e R\$ 330 milhões**

O orçamento total das **14 organizações integrantes da Rede** foi de **R\$ 254,7 milhões** em 2021

**76%** das organizações independentes doadoras têm seus **recursos concentrados em até 25 financiadoras/es**

As organizações não membras da Rede têm seus **financiadores concentrados entre 1 e 5 organizações**

**49%** das organizações que doaram repassaram **até R\$ 1 milhão**, enquanto 35% doaram de R\$ 1 milhão a mais de R\$ 25 milhões

**719** pessoas foram empregadas, em 2021, por 28 das organizações

**10 mil iniciativas** apoiadas com doações pelas 14 organizações da Rede Comuá ao longo de suas histórias

**R\$ 471.960.925,00** é o total de **doações diretas, até 2021**, das 14 organizações da Rede Comuá

**52%** das organizações mapeadas contam com **diretoria remunerada**; dessas, 87% contam com mulheres na diretoria

**1 em cada 5** mapeadas apresenta exclusivamente pessoas negras em sua diretoria



# expediente

## Equipe Executiva da Rede Comuá

### **Graciela Hopstein**

*Diretora executiva*

### **Jonathas Azevedo**

*Assessor de programas*

### **Yasmin Morais**

*Assistente de programas*

### **Mica Peres**

*Coordenadora de operações*

### **Mônica Ribeiro**

*Consultora de comunicação*

## Conselho de governança

### **Ana Valéria Araújo**

*Superintendente do Fundo Brasil*

### **Giovanni Harvey**

*Diretor executivo do Fundo Baobá*

### **Larissa Amorim**

*Diretora executiva da Casa Fluminense*

### **Roberto Vilela**

*Diretor executivo do Tabôa - Fortalecimento Comunitário*

## Conselho fiscal

### **Gislene Aniceto**

*Gerente geral do Fundo Brasil*

### **Hebe da Silva**

*Coordenadora administrativa e financeira do Fundo Baobá*

## Assembleia de sócios

Baobá - Fundo para equidade racial

BrazilFoundation

Casa Fluminense

ELAS+ Doar para Transformar

Fundo Agbara

Fundo Brasil

Fundo Brasileiro de Educação Ambiental (FunBEA)

Fundo Casa Socioambiental

Fundo Positivo

Instituto Baixada

Instituto Clima e Sociedade (iCS)

Instituto Comunitário Grande Florianópolis (Icom)

Instituto Procomum

Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN)

Redes da Maré

Tabôa - Fortalecimento Comunitário

## Coordenação geral

Graciela Hopstein

## Projeto gráfico e diagramação

Alastra Comunica

## Pesquisa e dados

Jonathas Azevedo

Mica Peres

Mônica Ribeiro

## Revisão

Ale Rosalba

## Coordenação técnica e redação

ponteA ponte

ISBN: 978-65-995113-7-0

Todo o material publicado nesta publicação está sob licença Creative Commons CCBT 4.0 podendo ser reproduzido sem autorização prévia da Comuá, desde que citando a fonte original, inclusive autor do texto ou da foto quando for o caso. Para obras derivadas, deve-se licenciá-las também em CCBT 4.0.

## Apoiadores



**INTER-AMERICAN  
FOUNDATION**  
EMPOWERED COMMUNITIES  
SUSTAINABLE RESULTS

doar   
PARA **transformar**

## Realizador

**comuá**

rede comuá  
filantropia que  
transforma

## Coordenação técnica

**ponte A ponte**